

A graça da realidade

The grace of reality

*Matheus da Silva Bernardes**

RESUMO: “A realidade é mais importante que a ideia” é um dos “ganchos” nos quais o pensamento do Papa Francisco se pendura (EG 231-233). Ele tem constantemente convocado a Igreja a entender, a partir do Evangelho, os *sinais dos tempos* atuais e insiste que a realidade não pode ser simplesmente obviada, ouvir sua voz é uma exigência constante para as discípulas e os discípulos de Jesus Cristo. Como resultado de uma série de entrevistas e conversas entre a jornalista Charo Mármol e o jesuíta Jon Sobrino, foi publicado em 2018 o livro *Conversaciones con Jon Sobrino*. Em dado momento, o teólogo espanhol, mas radicado há décadas em El Salvador e, portanto, representante da Teologia latino-americana da Libertação, torna explícita, ao acrescentar à conhecida sentença de Xavier Zubiri e Ignacio Ellacuría “*hacerse cargo, encargarse de y cargar con la realidad*” a expressão “*dejarse cargar por la realidad*”, a graça que a realidade nos oferece. Este breve trabalho pretende aprofundar, desde a citada expressão, na *graça da realidade* e como ela é a sustentação para a ação evangelizadora hodierna.

PALAVRAS-CHAVE: Graça. Realidade. Jon Sobrino. Xavier Zubiri.

ABSTRACT: “Reality is more important than ideas” is one of the hooks on which Pope Francis’ thought is hung (EG 231-233). He has constantly called the Church to understand, from the Gospel, the present *signs of time* and insists that reality cannot be forgotten, listen to its voice is a constant demand to Jesus’ disciples. As result of many interviews and talks between the journalist Charo Mármol and the Jesuit Jon Sobrino, it was published in 2018 the book *Conversaciones con Jon Sobrino*. At certain point, the Spanish theologian, but for several years living in El Salvador and so, a representative of Latin-American Theology of Liberation, makes explicit the grace that reality offers us by adding to the very known Xavier Zubiri’s and Ignacio Ellacuría’s sentence “*hacerse cargo, encargarse de y cargar con la realidad*” the expression “*dejarse cargar por la realidad*”. This brief research tries to go deeper from the mentioned expression into the *grace of reality* and how it sustains today’s evangelization.

KEYWORDS: Grace. Reality. Jon Sobrino. Xavier Zubiri.

1. Introdução

Entre as tantas iniciativas tomadas para a celebração dos cinquenta anos da clausura do Concílio Vaticano II, um trabalho foi encomendado à jornalista Charo Mármol pela PPC Editorial: publicar, em forma de livro, uma série de conversas com o teólogo jesuíta espanhol, mas há muitos anos radicado em El Salvador, Jon Sobrino. Como ela mesma relata no prólogo

* Presbítero da Arquidiocese de Campinas/ SP e professor da Faculdade de Teologia da PUC-Campinas. Graduado em Teologia pela PUC-Chile (2006), mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (2008), especialista em Teologia Pastoral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (2018). Atualmente, doutorando em Teologia Sistemática pela FAJE e membro dos grupos de pesquisa Teologia e Pastoral da FAJE e Teologia Litúrgica e Inteligência Senciente da PUC-SP, grupo que mantém parceria com a *Fundación Xavier Zubiri* de Madri/ Espanha. Autor de artigos sobre Teologia Sistemática e Pastoral, publicados em revistas e periódicos especializados; organizador do livro *Xavier Zubiri: Interfaces* publicado pela Editora Ideias & Letras (2020). E-mail: matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

do livro, as várias entrevistas e conversas ocorridas em 2015 concluíram em um manuscrito que, mesmo tendo sido publicado, nunca chegou às livrarias.

Anos mais tarde, ainda em contato com o autor, C. Mármol pôde ampliar sua obra que descreve como páginas nas quais J. Sobrino “não só fala dos pobres, mas de como ele viveu sua relação com os pobres; não só fala de teologia, mas de seu caminho para fazer teologia; fala de Deus e sua relação com Deus...” (MÁRMOL, SOBRINO, 2018, p. 08).

Em dado momento das conversas, quando o teólogo reflete sobre seu começo no magistério teológico na Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (UCA), ele relembra a defesa de doutorado de um estudante jesuíta sobre o pensamento de Xavier Zubiri:

Entendi [o estudante] suficientemente ainda que não tudo, dado meu escasso conhecimento de Zubiri. Quando chegou minha vez para perguntar, lhe fiz uma pergunta que me parecia ter cabida: “o que diz Zubiri sobre a graça”. Ellacuría se virou para mim com certo espanto, mas não lhe pareceu uma má pergunta. Desde então, e por minha conta, à conhecida tríade zubiriana *hacerse cargo, encargarse de y cargar con la realidad* costume acrescentar “*dejarse cargar por la realidad*” o que me remete à graça. Eram os modos de “teologizar” nos começos. (MÁRMOL, SOBRINO, 2018, p. 93)

A realidade, portanto, oferece graça. Em seu livro *O princípio misericórdia – Descer da cruz os povos crucificados*, J. Sobrino explicita seu despertar para a *realidade* de El Salvador. A Modernidade ocidental, como pode ser visto sobretudo no pensamento de I. Kant, fez com que a humanidade se despertasse de um profundo sono dogmático; contudo, permanecíamos presos a outro sono, ou como bem remarca o teólogo jesuíta, a um pesadelo: o pesadelo da inumanidade, de um mundo oprimido e injustiçado (SOBRINO, 1994, p. 11-12). É chegada, portanto, a hora do despertar para a *realidade*.

Entretanto, a *realidade*, por mais dura e sofrida que seja, oferece graça: os pobres, em sua irrupção histórica, oferecem graça para todas aquelas e todos aqueles que deles se aproximam e se deixam tocar por sua esperança. A *realidade clamorosa*, como descreveu em seu documento final a terceira conferência do Episcopado latino-americano realizada na cidade de Puebla, em 1979 (Puebla, n. 89), exige da teóloga e do teólogo repensar a Revelação para que a salvação e a libertação dadas por Deus em Jesus de Nazaré não se tornem vazias.

Não se trata somente de uma *realidade* que só oferece desafios, mas que dá graça para quem dela se aproxima. O próprio J. Sobrino, quando se referiu aos primeiros passos da Teologia latino-americana da Libertação, destacou que toda a tarefa de mulheres e homens a ela dedicados consistiu em elevar a *realidade* a conceito teológico, porque nela – na *realidade* – Deus está (SOBRINO, 1993, p. 92).

Antes, porém, de nos aprofundarmos mais nessa *realidade*, é mister nos perguntarmos se a *realidade*, de fato, pode se dar ao ser humano, portanto, pode ser *graça*. Se ela se dá, ela pode “nos carregar” como o próprio teólogo espanhol menciona. Para tal, vamos nos dedicar brevemente à exposição de um aspecto central da Filosofia zubiriana, a saber, a estrutura dinâmica da *realidade*, para, em seguida, retomar a expressão “*dejarse cargar por la realidad*” de J. Sobrino e suas consequências para a ação evangelizadora nos dias de hoje.

2. A estrutura dinâmica da *realidade*

Em 1968, X. Zubiri ditou o curso *Estructura dinámica de la realidad*, apenas alguns anos depois da publicação de seu conhecido livro *Sobre la esencia* em 1962. A recepção de seu livro foi marcada por duras críticas, especialmente daqueles que compreenderam sua ideia central, isto é, a *realidade* como muito estática e, portanto, mais próxima da Filosofia Neoescolástica do século XIX e não um desenvolvimento próprio da Filosofia do século XX.

Os atuais comentadores da obra do autor, insistem que seu pensamento tem que ser compreendido a partir da *Trilogia da Inteligência Senciente*, obra que conclui já ao fim de sua vida, no início da década de oitenta. A ideia de *realidade*, em todo seu alcance, será exposta somente nessa obra, logo o que está em *Sobre la esencia* corresponde a uma etapa da formulação de seu sistema filosófico. Com o curso *Estructura dinámica de la realidad*, o filósofo procura dar respostas às críticas acima mencionadas.

O dinamismo da *realidade* é apresentado por X. Zubiri a partir do que ele aponta como um limite da concepção grega de movimento, ou seja, a imperfeição. A abordagem do movimento se deu, ao longo da história do pensamento ocidental, basicamente de três modos: a passagem do *não ser* ao *ser*, a ação de um sujeito e a mudança. O filósofo espanhol chamará a atenção para uma distinção não realizada pelos gregos, isto é, a distinção fundamental entre dinamismo e mudança (ED68, p. 12-17).

Contudo, antes de se dedicar mais detalhadamente a essa distinção, X. Zubiri trabalhará, ainda que sucintamente, o dinamismo da *realidade* na perspectiva da relação entre *realidade* e *ser* e *realidade* e estrutura. Em primeiro, *ser* é ulterior à *realidade*, isto é, o *ser* é a atualização das coisas reais no mundo; *ser* possui um uso copulativo que está diretamente relacionado à atualidade das coisas reais. Antes do *ser*, temos o *estar* como verbo de realidade, isto é, a coisa real *está presente* desde si mesma, enquanto real, e se remete somente a si. Em segundo lugar, o autor destaca que a *realidade* não é substância, mas estrutura (ED68, p. 66). De fato, a coisa

real é uma substantividade, ou seja, um sistema de notas que estão umas em função de outras entendidas na perspectiva de suficiência (*de suyo*)¹.

X. Zubiri se deterá na distinção entre dinamismo e mudança (ED68, p. 41-56) para refletir sobre o dinamismo da *realidade*. Em primeiro lugar, as duas expressões não significam a mesma coisa. Segundo o autor, na visão aristotélica o movimento é um ato imperfeito, isto é, o movimento é potência enquanto potência. Entretanto, a maior limitação no pensamento do Estagirita está na distinção entre potência e substância o que leva a uma diferenciação não sistemática entre devir e mudança. Mundo, nessa perspectiva, não se entende desde uma formalidade – a unidade das coisas reais, segundo o pensamento zubiriano –, mas como taxis.

Não é possível refletir sobre a noção zubiriana de dinamismo da *realidade* sem citar os avanços da Física contemporânea, especialmente aqueles alcançados pela Mecânica Quântica, pela Teoria da Relatividade e pelas novas cosmologias que superaram a ideia de substância (*sujeito de e sujeito a*). O movimento – a dinâmica, portanto – não é possível graças a um pressuposto além das coisas reais, mas pelas próprias coisas reais.

A *realidade* das coisas reais é respectiva (ED68, p. 56-58), não se trata de uma taxis aristotélica e menos ainda de um ordenamento ulterior, como já mencionado anteriormente. O caráter acional da coisa real produz efeitos constitutivos respeito a outras coisas; sua atividade não acontece no nível da percepção, mas na marcha racional que busca sua interação dentro da estrutura de *realidade*.

Logo, a *realidade* sempre é e será respectiva, ou seja, ativa em e por si mesma – uma suficiência (*de suyo*) ativa; a *realidade dá-de-si*. *Dar-de-si* é um traço próprio da *realidade*, isto é, o dinamismo pertence à coisa real (ED68, p. 60-63). Não se trata de uma substância que, em um primeiro momento está, e depois se dá; é a própria coisa real que está *dando de si* porque a *realidade* é respectiva. O dinamismo, nesse sentido, não é mudança; o dinamismo da *realidade* é radical, é um aspecto constitutivo seu.

É um grave erro pensar a estrutura dinâmica da *realidade* como uma simples consequência operativa da formalidade de *realidade*, um momento operativo do *de suyo* (GRACIA, 1986, p. 183). O mais próprio do *de suyo* é *dar-de-si*, como remarca X. Zubiri. A *realidade* é dinâmica por sua respectividade: a partir de suas notas a *realidade* é constructo, mas na perspectiva contrária, isto é, desde a própria *realidade*, ela aparece como *ex-structuro*, como estrutura. Uma coisa real é constitutivamente em função das demais; não se trata de um

¹ A expressão *de suyo* é de difícil tradução, como é possível ler na *Nota à edição brasileira da trilogia Inteligência Senciente*. C. Nougué, o tradutor da edição brasileira, optou por “de seu”; em Portugal, os tradutores de X. Zubiri optam por “de si”. Manteremos a expressão sem traduzir como termo técnico do pensamento filosófico do autor.

caráter conceutivo da *realidade*, mas estritamente de seu caráter físico, ou seja, trata-se de uma ação física da *realidade*, como uma coisa real está respeito às demais. Nisso consiste o *dar-de-si* da *realidade*, um momento intrínseco e formal da estrutura das coisas reais.

[...] Uma coisa, uma realidade substantiva, não é simplesmente o que é em virtude das notas qualitativamente possuídas por ela, mas na realidade física de tudo o que essas notas são acionalmente. É, se se quer, sendo o que é e tudo o que pode dar de si. Tudo o que dá de si. O dar de si é um momento intrínseco e formal da estrutura das coisas. [...] Este dinamismo, este dar de si, não é um sujeito, nem está sujeito a, nem é sujeito de, mas é em si mesmo dinamismo: é estrutura dinâmica, formalmente, enquanto tal. (ED68, p. 61)

O mundo não possui dinamismo, *é* dinamismo (ED68, p. 63-67). É possível identificar diversos dinamismos no mundo, como a variação (do movimento local), a alteração (de notas essenciais), a mesmidade (da vida), a suidade (da vida intelectual, da pessoa) e a convivência (da sociedade e da história), mas o mundo *é* dinamismo (GRACIA, 1986, p. 185-186). Possivelmente, o que é mais importante no passo dado por X. Zubiri seja a superação do discurso sobre causalidade. Podemos distinguir uns dinamismos de outros, mas uns não são, necessariamente, causas de outros.

A partir da perspectiva da razão, a funcionalidade das coisas reais, isto é, sua respectividade, brota do dinamismo da *realidade*. Determinar as causas de algo é investigação própria da razão, mas uma investigação sempre aberta. A respectividade do real é o segundo momento estrutural da *realidade*, do *de suyo*. Trata-se da estrutura que confere à coisa real abertura, que pode ser abertura respectiva da coisa real ao que é real, isto é, si mesma fundando o *momento de suidade*, mas também abertura respectiva da coisa real enquanto real, isto é, abertura ao mundo fundando o *momento de mundanidade*.

Não se deve entender o dinamismo a partir da causalidade, mas ao contrário, a causalidade a partir do dinamismo (ED68, p. 86-89). Na Antiguidade, a ideia de causalidade se impôs pelas quatro causas aristotélicas (material, eficiente, formal e final); a Modernidade opta pelas leis porque não há percepção das causas, mas crença na repetição das ações. X. Zubiri assumirá, em partes, a postura da Modernidade: não há percepção das causas, mas há *funcionalidade* entre as coisas reais (ED68, p. 83-86).

Dinamismo não se identifica necessariamente com mudança. As realidades podem ser dinâmicas sem necessidade de mudar. Mas reciprocamente não é certo: toda mudança se funda no dinamismo. O dinamismo que envolve uma mudança gera um “processo”. O que geralmente acontece no mundo, razão pela qual o dinamismo da realidade intramundana tem caráter processual com estruturas reais diferentes. (GRACIA, 1986, p. 184).

3. A Teologia latino-americana da Libertação e a *realidade*

Uma pergunta que nos acompanha sempre é: “afinal de contas, o que é a *realidade*?” Seguindo o que expusemos sobre o pensamento de X. Zubiri, é possível afirmar que a *realidade* é o que *está* presente *fisicamente* desde si mesmo e se remete só a si mesmo. Destacamos, igualmente, a palavra *física* como simples distinção da noção de *artificial*, ou seja, a *realidade* é o que *está* presente, porém não de modo conceitual; é o que *está* presente desde si mesmo. Trata-se de uma formalidade, isto é, o que é apreendido fica como *outro* no senciente, ou como apresentamos anteriormente “*dá-de-si*” como outro ao senciente (ISIR, p. 191).

O filósofo espanhol tinha como grande motivação para a elaboração de seu pensamento a superação do Idealismo e do Racionalismo moderno, precisamente porque a ideia e a razão não constituem o momento primordial para a reflexão filosófica. A *realidade*, não obstante, constitui, até mais, a *atualidade do real* é o momento primordial e radical sobre o qual se pode pensar as coisas.

Nessa perspectiva, a *realidade* se converteu em noção fundamental para a Teologia da Libertação. Assumir a *realidade* histórica e elevá-la a conceito teológico, ora mais conscientemente – I. Ellacuría e C. Boff –, ora menos – G. Gutierrez, J. L. Segundo e L. Boff – se torna a linha mestra do quefazer teológico latino-americano (BERNARDES, 2020, p. 61).

Entretanto, o questionamento que perpassa as diversas formulações da Teologia da Libertação é sobre o âmbito da *realidade* a ser inteligido (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 99). I. Ellacuría é exemplo de autor, sob inspiração da filosofia zubiriana, que assumiu o desafio de *teologizar* a realidade. Segundo o autor, o método teológico não acontece de modo separado da atividade teológica; trata-se do momento concreto, no qual se faz Teologia. É o que ele chama de *momento real do método* (ELLACURÍA, 2001, p. 286). Além disso, o método é o “aspecto crítico e operativo, reflexivamente considerado” (ELLACURÍA, 2000, p. 188), logo é o próprio método teológico que explicitará bases da Teologia.

Problematizar a Teologia latino-americana da Libertação significa considerar criticamente seu método, explicar a orientação e estrutura fundamental do quefazer teológico (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 141). A orientação fundamental da Teologia da Libertação é a realização histórica da salvação, ou seja, a transformação da realidade e, nela, a transformação da pessoa (BERNARDES, 2020, p. 62).

Por conseguinte, o centro da Teologia latino-americana da Libertação não está em uma *ideia da realidade*, mas na própria *realidade* que *dá-de-si* à teóloga e ao teólogo. Sendo assim,

reafirmamos a ideia zubiriana de que a inteligência humana não consiste formalmente em compreensão de sentido, mas em *apreensão de realidade*.

Os três elementos constitutivos da Teologia da Libertação são o *Reino de Deus*, a *atividade intelectual* e o *mundo dos pobres*. O âmbito próprio da *realidade* sobre o qual se desenvolve o quefazer teológico da Libertação é o *Reino de Deus*, não *Deus sem mais* – se é que é possível falar de Deus sem mediações. Não se trata, contudo, de uma *realidade* a ser teologizada como se o processo de teologização acontecesse à parte da *realidade*. O *Reino* é elemento constitutivo e determinante do próprio processo de teologização (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 144).

Como segundo elemento constitutivo, temos a *atividade intelectual*. Sem a inteligência não se pode falar propriamente de Teologia; a reflexão teológica depende diretamente da riqueza da realização do *Reino*, como de sua *apreensão intelectual*. Logo, a Teologia é *um momento da práxis do Reino*, é sua formulação teórica (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 144). Com isso, a Teologia da Libertação se afasta tanto de uma tendência idealista, como de uma tendência pragmatista ou ativista; é a unidade entre práxis histórica e inteligência dessa práxis.

Terceiro e último elemento constitutivo, é o lugar social da Teologia latino-americana da Libertação: o *mundo dos pobres*. Tanto o Antigo, como o Novo Testamento comprovam a irrupção gratuita do *Reino de Deus* em meio aos pobres deste mundo. Elas e eles são os interlocutores privilegiados da mensagem salvífica do *Reino*. Entre as empobrecidas e os empobrecidos, está o momento fundamental para a historização de toda Teologia, assim como de sua desideologização (BERNARDES, 2020, p. 63).

Em nenhum momento, a Teologia latino-americana da Libertação vê nos pobres somente uma fonte de argumentos para sua reflexão, elas e eles são *lugar teológico e teologal* fundamental da Teologia (AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 145). É possível afirmar isso porque entre as mulheres e os homens, as crianças e os idosos desprezados pelo mundo há salvação. J. Sobrino, usando uma expressão muito cara a I. Ellacuría, destaca que os *povos crucificados* são portadores de salvação (SOBRINO, 1994, p. 90).

A *realidade* do mundo dos pobres é preche de luz, esperança e amor, assim como no servo do Senhor, do livro do profeta Isaías, há luz e salvação (Is 53,11) e em Jesus crucificado, a sabedoria de Deus (1Cor 1,24). É essa *realidade* nos coloca, hoje, diante da força histórica da salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo.

Podemos afirmar que nos pobres deste mundo encontramos *graça estrutural*, elas e eles *dão-de-si* oferecendo conversão e perdão. As maiorias populares que sofrem sob uma pobreza cruel e injusta não exigem, em primeiro lugar, conciliação, mas verdadeira reconciliação. Para

tal, o mundo opressor deve se reconhecer pecador, mas também perdoado. A *realidade* dos pobres oferece ao mundo humanização mediante a graça da reconciliação, “o perdão não é uma conquista do verdugo, mas dom da vítima” (SOBRINO, 1994, p. 129).

4. “*Dejarse cargar por la realidad*”

“Só se pode elaborar uma Teologia verdadeiramente de libertação com a condição de que o teólogo tenha feito uma opção clara pelos pobres e por sua libertação” (BOFF, 1986, p. 102). A frase do teólogo brasileiro explicita a interação entre práxis e teoria que deve se dar no quefazer teológico da Libertação. Segundo J. Sobrino, a práxis pode ser expressa como *exercício da misericórdia* que conduz a teólogo e o teólogo não a uma ideia sobre a *realidade*, mas à ação concreta nela. De fato, conhecemos melhor a *realidade* quando agimos sobre ela. Em outras palavras, conhecemos melhor o *Reino de Deus* quando tratamos de construí-lo, por outro lado, conhecemos melhor o pecado e a injustiça quando procuramos erradicá-los (SOBRINO, 1994, p. 68).

“Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor” (1Jo 4,8), já indica o Novo Testamento. O verdadeiro conhecimento de Deus não se baseia em uma doutrina, mas na práxis amorosa manifestada por ele mesmo em Jesus. Dito de forma técnica, podemos afirmar que *se conhece a realidade quando, além de levar em consideração a realidade* (momento noético) *e de carregar a realidade* (momento ético), *a pessoa se encarrega da realidade* (momento prático).

Como já citamos anteriormente, J. Sobrino acrescenta à conhecida *tríade zubiriana* um quarto momento: *dejarse cargar por la realidad* que lhe remete à graça (MÁRMOL, SOBRINO, 2018, p. 93). Em um primeiro momento, o autor se deixou impressionar pelo primeiro momento, isto é, levar em consideração a *realidade* (*hacerse cargo de la realidad*) porque expressa precisamente o que a Teologia latino-americana da Libertação é, ou seja, momento teórico da práxis do *Reino*. Aqui entendemos seu grande esforço para definir a Teologia como *intellectus amoris* (SOBRINO, 2008, p. 18).

Posteriormente, como J. Sobrino destaca também lhe chamou a atenção o segundo e o terceiro momento, carregar a *realidade* e se encarregar da *realidade* (*encargarse de y cargar con la realidad*). O dom da inteligência dado por Deus ao ser humano não é para que fuja de situações reais, mas para que se responsabilize concretamente por elas, para se responsabilize pelas coisas do mundo (SOBRINO, 2008, p. 19). Não é possível inteligir corretamente a

realidade sem carregar seu peso, sem se responsabilizar por ela, como já mencionamos em outras ocasiões ao longo deste trabalho.

Entretanto, somente carregamos a *realidade* ou a *realidade* nos carrega? Aos momentos noético, ético e prático, J. Sobrino acrescenta o momento da *graça da realidade*, ou como já explicitamos acima a *realidade dá-de-si*. De fato, somente é possível ao ser humano conhecer a *realidade* porque sua inteligência se encontra com ela na apreensão senciente. Não se trata de dois atos distintos, mas de um único ato em dois momentos: a *realidade dá-de-si* e o ser humano a apreende sencientemente (ISIR, p. 123-126). Nesse *dar-de-si* está a *graça da realidade* que permite à inteligência humana apreendê-la, formulá-la (momento do *Logos*) e investigá-la (momento da *marcha racional*). Não é a inteligência humana que se impõe sobre a *realidade*, mas a *realidade* que se impõe, porém gratuitamente, à inteligência.

Nesse sentido, a teóloga e o teólogo não podem se impor sobre a *realidade* do *Reino de Deus* que irrompe em meio aos pobres deste mundo; pelo contrário, elas e eles são carregados pelo *Reino* que se manifesta entre aquelas e aqueles que sofrem as consequências da injustiça e da crueldade. A *realidade*, desde sua profundidade e mistério, carrega o quefazer teológico e eclesial.

Constante tentação para aquelas e aqueles que se dedicam ao labor teológico, assim como para aqueles que exercem os ministérios de presidência na Igreja é pensar que são os portadores da salvação para as maiorias populares e oprimidas. Ao desenvolver seu trabalho devem se dar conta de que estão inseridos em uma esperança que não lhes pertence. Nas mulheres e homens, nas crianças e idosos que vivem sob o sinal da cruz há graça que permite ver com novos olhos, trabalhar com novas mãos e carregar o peso do sofrimento sobre as costas (LAGUNA, 2011, p. 30).

Tal afirmação não se baseia em argumentos científicos, tem suas raízes na experiência de fé tal como aparece relatado por Jesus no Evangelho segundo Lucas (Lc 10, 25-37). O samaritano que encontrou o homem caído à beira do caminho é consciente que está pisando solo sagrado quando vai a seu socorro; ele é ciente de que não é portador de salvação, mas que a sua salvação, sim, passa por aquele que foi abandonado à beira da via quase sem vida.

Humildemente, cristãs e cristãos se deixam carregar pela *realidade* daquelas e daqueles que hoje estão à beira do caminho, daquelas e daqueles que são os crucificados da história. Elas e eles são portadores de graça e salvação para o mundo. Sua *realidade* é agraciada para todas aquelas e todos aqueles que deles se aproximam e se deixam tocar por sua esperança.

5. Considerações finais

Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade. É perigoso viver no reino só da palavra, da imagem, do sofisma. Por isso, há que postular um terceiro princípio: a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria. (EG 231)

Francisco tem chamado constantemente a Igreja a olhar a realidade, deixar-se transformar por ela para ser um sinal concreto do *Reino* para o mundo hodierno. Como o bispo de Roma insiste, a *realidade* é mais importante que a ideia. “Levar em consideração a realidade”, como conclama J. Sobrino inspirado pelo pensamento de I. Ellacuría, não é uma opção social, mas teológica. Ambos os autores – como diversas outras e diversos outros teólogos da Libertação – foram acusados injustamente de promover o ativismo político; de fato, estavam chamando a atenção da Igreja para a *realidade* de um Deus que se manifesta na história oferecendo libertação e salvação aos pobres.

O *Reino de Deus* é a *realidade* primordial a partir da qual é possível fazer Teologia. Trata-se da irrupção gratuita de Deus na história, no mundo dos pobres. Não estar atentos a essa *realidade*, ou como chamamos neste trabalho à *graça dessa realidade*, é a perpetuação do maior de todos os pecados: manter a verdade prisioneira da injustiça (Rm 1,28). Sendo assim, a *graça da realidade* permanece como desafio – juntamente com sua gratuidade – para todo fiel que se reconhece em um mundo necessitado de esperança e salvação.

Referências:

A BÍBLIA de Jerusalém, Nova edição revista, São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

AQUINO JÚNIOR, F. *Teoria teológica. Práxis teologal*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.

BERNARDES, M. A filosofia realista zubiriana e o método teológico. In: NEVES, M. V. BERNARDES, M. COSTA, V. S. *Xavier Zubiri: Interfaces*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2020.

BOFF, L. *E a Igreja se fez povo*. 1ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões: Puebla*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1979.

ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos II*. 1ª ed. San Salvador: UCA, 2000.

ELLACURÍA, I. *Escritos teológicos III*. 1ª ed. San Salvador: UCA, 2001.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 10. dez. 2021.

GRACIA, D. *Voluntad de verdad – para leer a Zubiri*. 1ª ed. Barcelona: Ed. Labor, 1986.

LAGUNA, J. Hacerse cargo, cargar y encargarse de la realidad. *Cristianisme i justícia*, Barcelona, 2011, n. 172. Disponível em: <www.cristianismeijusticia.net>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MÁRMOL, C. SOBRINO, J. *Conversaciones con Jon Sobrino*. 1ª ed. Madrid: PPC Editorial, 2018.

SOBRINO, J. *O princípio misericórdia – descer da cruz os povos crucificados*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Fora dos pobres não há salvação*. 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2008.

ZUBIRI, X. *Estructura dinámica de la realidad*. (ED68) 1ªed. Madrid: Alianza Editorial, 2019a (3ª reimpresión).

_____. *Inteligencia sentiente – inteligencia y realidad*. (ISIR) 1ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2019b (7ª reimpresión).